

NARRATIVA DO MONITOR DE SECAS DO MÊS DE NOVEMBRO DE 2017

Condições Meteorológicas do Mês de Novembro de 2017

Historicamente, no mês de novembro os maiores volumes de chuvas (com acumulados variando entre 100 mm e 200 mm) se concentram na faixa centro-sul dos estados do Maranhão, Piauí e centro-sul e oeste da Bahia (Figura 1.B). Já na faixa central dos estados do Maranhão, Piauí e Bahia, estes acumulados variam entre 50 mm e 100 mm. Nas demais áreas do Nordeste brasileiro, os volumes das chuvas não ultrapassam os 50 mm.

Nesse mesmo mês em 2017 (Figura 1.A) os maiores volumes de chuvas (com acumulados variando entre 100 mm e 200 mm) se concentraram no extremo sul dos estados do Maranhão e Piauí. Na Bahia, estes acumulados foram registrados na região sul e no extremo oeste do Estado. Em pontos isolados do extremo sul da Bahia também foram registrados volumes de chuvas de até 250 mm. Em grande parte da faixa centro-sul desses três Estados os acumulados variaram entre 50 mm e 100 mm. Nas demais áreas do Nordeste brasileiro, onde houve registro de chuvas, estes acumulados ficaram abaixo de 50 mm.

Sabendo que o mês de novembro faz parte do primeiro período chuvoso do Nordeste brasileiro, principalmente na faixa centro-sul e oeste dessa Região, verificou-se que as chuvas desse mês de novembro ficaram abaixo do normal, sobretudo naquelas áreas onde se esperava os maiores acumulados (centro-sul e oeste dos estados do Maranhão, Piauí e Bahia). Estas áreas podem ser vistas no mapa da Figura 1.C. Nas demais áreas da Região, o predomínio foi de chuvas em torno da normalidade.

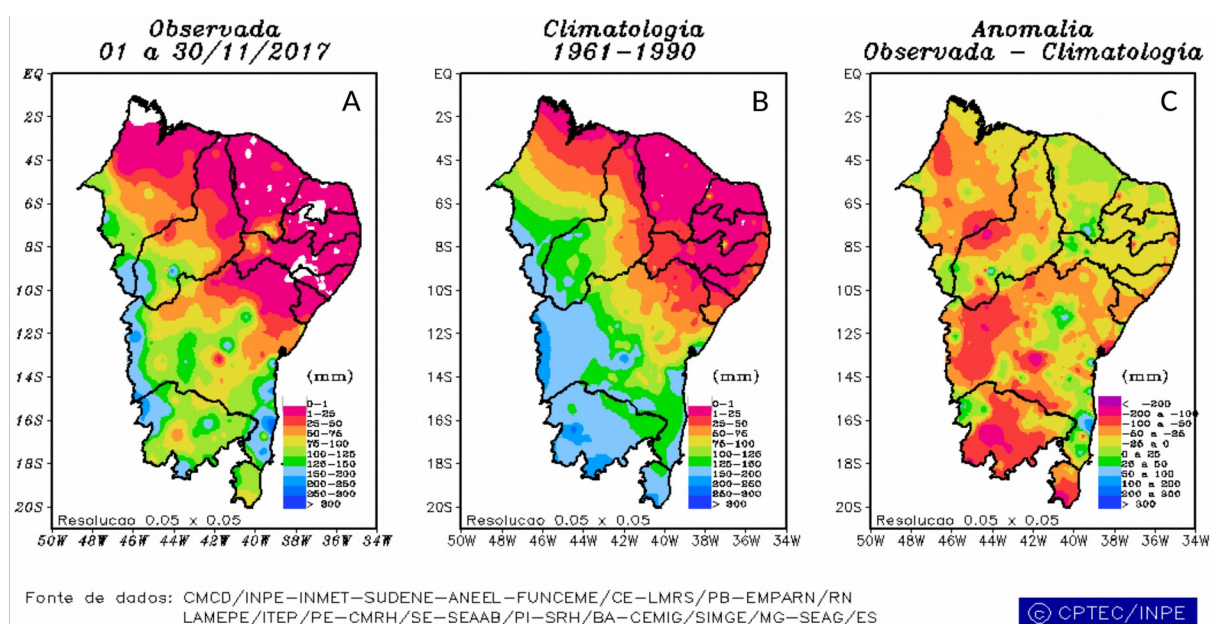


Figura 1. Espacialização da precipitação (mm) mensal no mês de novembro/2017 na região Nordeste do Brasil: (A) precipitação acumulada; (B) climatologia; (C) anomalia de precipitação. Página de procedência da figura: http://proclima.cptec.inpe.br/~rproclima/Moni_NE/precobsclim11.gif

Síntese do Traçado do Monitor das Secas do Mês de Novembro de 2017

Em uma pré-análise, foram considerados os índices SPI e SPEI para 3, 4, 6, 12, 18 e 24 meses, com maior detalhamento para os estados do Ceará (CE), Rio Grande do Norte (RN), Paraíba (PB), Pernambuco (PE), Alagoas e Bahia (BA), em virtude de uma quantidade maior de pontos e informações que esses estados da região Nordeste do Brasil apresentam. No intuito de compensar o déficit de informações, tanto para esses Estados quanto para as demais áreas do Nordeste brasileiro, foram utilizadas, de forma ampla, os seguintes produtos de apoio:

climatologia da precipitação mensal, precipitação observada, anomalia de precipitação do mês de novembro (e dos meses anteriores), bem como, o índice de saúde da vegetação (VHI). Com isso, áreas do Nordeste, onde há poucos pontos de informações, foram analisadas, além de complementar as áreas onde a densidade de informações é maior.

É necessário ressaltar que, para o traçado deste mapa, foi considerada a seca física, levando-se em conta os índices SPI, SPI-MERGE e SPEI, de curto e longo prazo, levando-se em conta também os impactos da seca na população urbana e rural atingida pela seca.

Ao comparar o mapa validado do mês de outubro de 2017, na figura 2(A), com o mapa validado do mês de novembro de 2017, na figura 2(B), verificaram-se algumas mudanças no traçado geral, tais como:

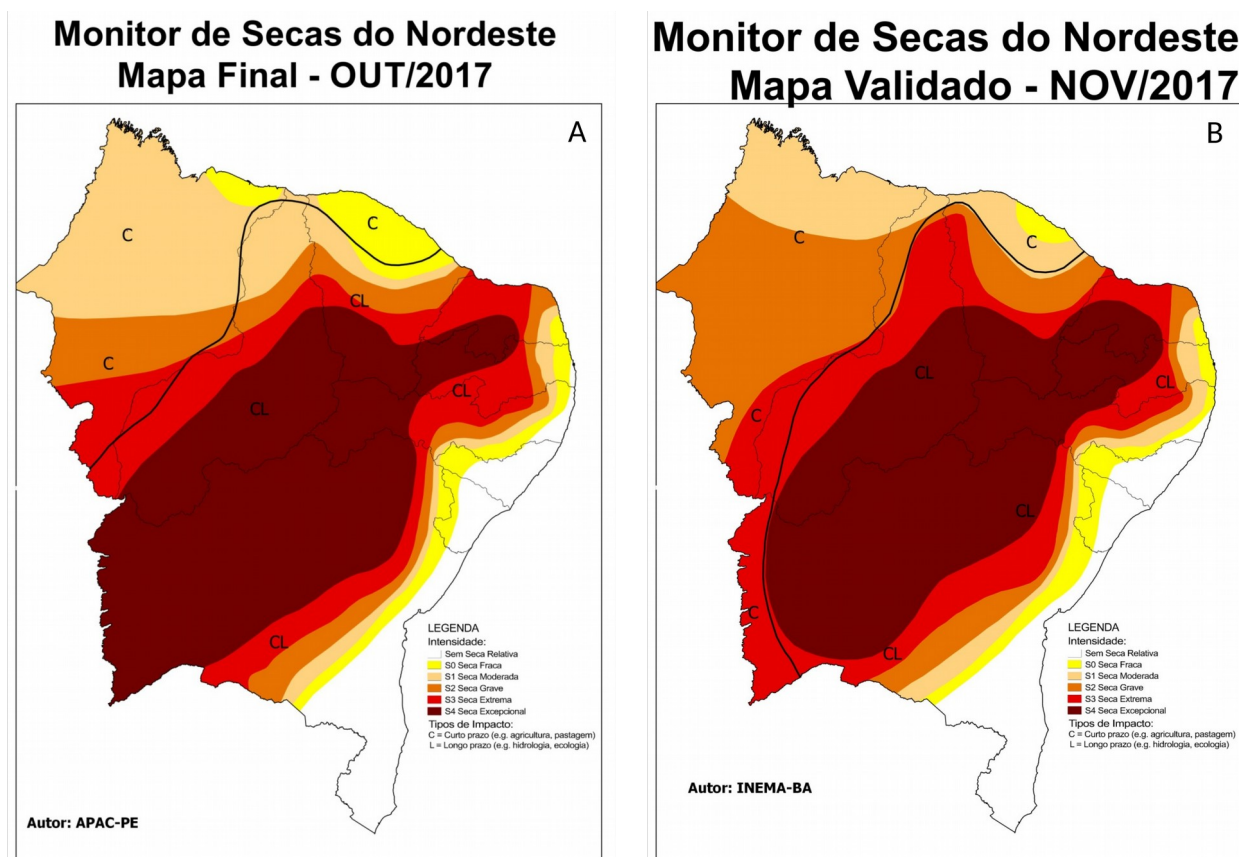


Figura 2. Mapas do Monitor de Secas do Nordeste (NE) em 2017: **(A)** Mapa Validado - Outubro; **(B)** Mapa Validado - Novembro.

No estado do Maranhão, os volumes mais expressivos das precipitações foram registrados no extremo sudoeste do Estado, com valores variando entre 100 mm e 140 mm. No entanto, o normal para essa região seria de acumulados variando de 150 mm a 200 mm. Mesmo com esse déficit no volume das chuvas, houve uma melhoria nos índices de saúde da vegetação, resultando, assim, numa pequena redução na área de intensidade da seca extrema (S3). Por outro lado, houve uma ampliação, para norte, nas áreas com secas grave (S2) e moderada (S1). Outro reflexo das poucas chuvas registradas nesse mês de novembro foi a exclusão da área de seca fraca (S0) no litoral nordeste do Estado, verificado no mês de outubro. Quanto aos impactos, estes se mantiveram como sendo de curto prazo (C) em, praticamente, toda a área de seca.

As poucas chuvas registradas no estado do Piauí também contribuíram para o avanço das áreas com seca grave (S2) e extrema (S3) para norte. Com isso, houve uma significativa redução na área de seca moderada (S1). Numa extensa área, que abrange a faixa centro-leste da mesorregião do Sudoeste Piauiense e praticamente toda a mesorregião do Sudeste Piauiense, fazendo divisa com o norte da Bahia, oeste de Pernambuco e sudoeste do Ceará, se manteve com

seca excepcional (S4). Quanto aos impactos, estes continuaram de curto e longo prazo (CL) em, praticamente, todas as áreas do Estado.

No estado do Ceará, o mês de novembro faz parte do período de estiagem, ou seja, os valores médios mais expressivos não ultrapassam os 25 mm. Nesse mês de novembro de 2017, apenas em pontos isolados do extremo sul do Estado é que houve registro de chuvas com acumulados acima do normal. No entanto, esses eventos de chuvas ocorreram em poucos dias do mês, o que não contribuíram para amenizar a severidade da seca na região, ou seja, se manteve com excepcional (S4). As poucas chuvas desse mês também contribuíram para expansão (para norte) das áreas de secas moderada (S1), seca grave (S2) e seca extrema (3). Por outro lado, houve uma considerável redução na área de seca fraca (S0), abrangendo apenas a região metropolitana de Fortaleza. Quanto aos impactos, estes se mantiveram de curto prazo (C) na parte norte, e de curto e longo prazo (CL) nas demais áreas do Estado.

No estado do Rio Grande do Norte, as poucas chuvas e os altos valores de temperatura registrados nos últimos meses, contribuíram significativamente para expansão na área de seca excepcional (S4), principalmente nas microrregiões Seridó Potiguar, Médio e Alto Oeste. Também houve uma pequena expansão (para leste) nas áreas de secas moderada (S1) e grave (S2), bem como uma redução na área de seca fraca (S0). Quanto aos impactos, estes se mantiveram de curto e longo (CL) em todo Estado.

Na Paraíba, as poucas chuvas que ocorreram no mês de novembro contribuíram para uma expansão da área de seca excepcional (S4) que, além de cobrir toda a área da mesorregião do Sertão Paraibano também avançou pela faixa centro-norte da mesorregião da Borborema (na divisa com o estado do Rio Grande do Norte). Nas demais áreas da mesorregião da Borborema, não houve mudanças em relação a severidade da seca, ou seja, se manteve com intensidade extrema (S3). Também não foram verificadas mudanças expressivas na severidade da seca nas mesorregiões Mata Paraibana, que se manteve com seca fraca (S0), e Agreste Paraibano, onde o predomínio foi de secas variando de moderada (S1) a grave (S2). Apenas no extremo sul da mesorregião Mata Paraibana é que observou o avanço da seca fraca (S0), excluindo, assim, a pequena área sem seca, ainda verificada no mês anterior (outubro). Em relação aos impactos de seca, estes se mantiveram de curto e de longo prazo (CL).

Em Pernambuco, historicamente, o mês de novembro é considerado um dos mais secos do Estado. Mesmo assim, nos extremos leste e oeste, ainda são esperadas chuvas com acumulados variando de 25 mm a 50 mm. Nesse mês em 2017, as poucas chuvas do Estado se concentraram no extremo oeste, o que não foram suficientes para amenizar a severidade da seca na região, que se manteve com seca excepcional (S4). Além disso, a escassez de chuvas nesse período também contribuiu para o avanço para leste da área de seca excepcional, cobrindo, assim, as mesorregiões do São Francisco e Sertão Pernambucano. A ausência de chuvas, somada as altas temperaturas, contribuiu para o avanço para leste das áreas de secas de intensidade extrema (S3), grave (S2) e moderada (S1) no Agreste Pernambucano. Na Zona da Mata e Litoral, o predomínio foi de seca fraca (S0). Apenas numa pequena área na Mata Sul é que se manteve sem seca. Quanto aos impactos, estes se mantiveram de curto e longo prazo (CL) em todo o Estado.

Em Alagoas, as chuvas no mês de novembro foram bastante escassas, o que contribuíram para uma pequena expansão na área de seca fraca (S0) na mesorregião Sertão Alagoano. Nas demais áreas do Estado, mesmo com a falta de chuvas nesse mês, a permanência é de ausência de seca relativa. Tal condição se deve, principalmente, a contribuição das chuvas que ocorreram nos meses anteriores. Em relação aos impactos nas áreas de seca, estes continuam sendo de curto e longo prazo (CL).

No estado de Sergipe a ausência de chuvas nesse mês de novembro contribuiu para o avanço para leste da seca fraca (S0), abrindo grande parte das mesorregiões do Sertão e Agreste Sergipano. Nas demais áreas do Estado, especificamente na mesorregião Leste, a permanência

foi de ausência de uma seca relativa. Quanto aos impactos nas áreas de seca, estes se mantiveram de curto e longo prazo (CL).

Na Bahia, as chuvas com volumes mais expressivos, que ocorreram no mês de novembro, se concentraram no extremo oeste e na mesorregião Sul Baiano. Mesmo ficando abaixo da normalidade para esse mês, as chuvas dos meses de outubro e novembro no oeste baiano contribuíram para amenizar a severidade da seca na região, resultando na redução da área de seca excepcional (S4). Na mesorregião Sul, onde as chuvas nos últimos meses têm sido mais frequentes, houve uma pequena expansão da área sem seca relativa. Na mesorregião Nordeste Baiano, as poucas chuvas registradas nesse mês contribuíram para um pequeno avanço (para leste) das áreas com secas fraca (S0), moderada (S1), grave (S2) e extrema (S3). Nas demais regiões do Estado, as poucas chuvas que ocorreram não foram suficientes para mudanças na severidade da seca, onde manteve uma grande área de seca excepcional (S4) na região central e norte do Estado. Em relação aos impactos, apenas no extremo oeste, estes foram de curto prazo (C), enquanto que, nas demais áreas de secas, estes permanecem de curto e longo prazo (CL).

Para o traçado do mapa Validado, referente ao mês de dezembro, foram utilizadas as considerações feitas na reunião de autoria, realizada no dia 11/12/2017, por representantes da APAC-PE, FUNCEME-CE, INEMA-BA, ANA e ARESTech e pelos validadores da EMPARN-RN, SEMARH-AL, FUCEME -CE, IPA-PE, SEMAR-PI e AESA-PB.